

“Apoiamos o programa de Collor”

por Getúlio Bittencourt
de Nagoya

O subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, referiu-se ao Brasil diversas vezes em sua entrevista coletiva no final da tarde de domingo, com afirmações algumas vezes contraditórias. Os principais trechos, conforme registrados por este jornal, são os seguintes:

Sobre a possibilidade de uma reunião extraordinária em Nagoya para aprovar o empréstimo de US\$ 350 milhões para o Brasil: “Trata-se de um tema muito complexo, que já dura algum tempo. Quero fazer o comentário que sempre faço sobre o tema; que é o de que os Estados Unidos não estão tratando de castigar o Brasil, nem de sinalizar para o Brasil que adote uma posição que era muito importante, em nossa opinião, e creio que o governo do Brasil compartilha a nossa opinião, que era muito importante conseguir progressos nas negociações com os bancos. O Brasil tem somas importantes de juro em atraso, há muito tempo, e se esses atrasos continuarem aumentando, se não são enfrentados de uma maneira ou de outra, poderiam ser exagerados e resultar numa situação que a longo prazo afetará a capacidade do Brasil de servir também a sua dívida junto às instituições financeiras internacionais. Portanto, nossa posição ao longo de todo esse exercício não tem sido de emfrentarmos ou nos opormos ao Brasil”.

Sobre o Brasil e o BID: “Apoiamos o governo do Brasil, o governo do presidente Collor e seu programa econômico. Nós lhe desejamos muito êxito, seu projeto econômico nos parece importante, queremos que o Brasil melhore sua situação econômica, mas achamos que uma solução dos atrasados e o restabelecimento de boas relações com a comunidade financeira internacional são um elemento essencial do processo de recuperação econômica do Brasil. Se não se enfrenta essa situação, em nossa opinião, estará

ameaçada a boa saúde e a boa posição das instituições financeiras internacionais. O Brasil é o terceiro tomador do Banco Mundial (BIRD) e o primeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e se é impossível para o Brasil resolver esses problemas, isso não é bom para a saúde das instituições financeiras internacionais, esta é a posição que adotamos desde o início. Nossa posição atual é que estamos muito satisfeitos com os progressos que o Brasil está fazendo em suas negociações com os bancos internacionais”.

Sobre uma nova condição dos EUA para aprovar o empréstimo do BID ao Brasil: “Há duas semanas, os EUA tomaram a iniciativa de liberar dentro do comitê pleno do BID um empréstimo chamado de ciência e tecnologia. Tomamos a iniciativa de tirar esse empréstimo do comitê e ele foi aprovado logo pela direção, porque nós, pensamos que era importante reconhecer os progressos realizados na negociação. Porém, quando se chegou ao segundo empréstimo, de saneamento, nossa posição é muito clara, nós queremos que o acordo com os bancos seja concluído, pensamos (que o acordo) está quase pronto, há problemas técnicos e jurídicos com um dos bancos que o está atrasando, mas os termos econômicos e financeiros já foram definidos, e estamos satisfeitos de saber isso. Quando tudo isso terminar, estaremos dispostos a aprovar o empréstimo de saneamento, com a condição, e este é um tema novo, de que um problema que surgiu durante o estudo do projeto de ciência e tecnologia, sobre as aquisições da parte do Brasil. Quando se discutiu o tema, devido aos nossos próprios motivos jurídicos e políticos nos EUA, no momento da reunião da diretoria nos pediram que não apoiássemos o empréstimo porque não se resolvera aquele problema. Mas isso não tinha nada a ver com os bancos. Apesar disso, é um assunto pendente e tem que ser resolvido antes de dar-

mos nossa aprovação. Trata-se de um tema secundário neste momento, que achamos que será resolvido”.

Sobre critérios do Clube de Paris: “O caso da Polônia nada tem a ver com o do Brasil. Os termos econômicos do acordo do Brasil já foram acertados. Não se fez o anúncio porque há assuntos técnicos da parte de bancos específicos, que estão pendentes de solução e, como sabem, o comitê de bancos opera na base de um consenso absoluto de 100%, ou seja, enquanto esses assuntos continuarem pendentes haverá uma demora. Mas sim, estamos todos impressionados com o progresso alcançado e, por isso, há duas semanas os Estados Unidos tomaram a liderança para liberar a votação de um empréstimo de ciência e tecnologia, e teremos muito prazer em apoiar o segundo empréstimo assim que se firme e sele o acordo com os bancos, embora eu não deva dizer isso porque não teremos que esperar que todos os bancos resolvessem seus problemas técnicos”.

Sobre o fato de que os EUA não agiram sozinhos: “Não creio que o voto no caso do Brasil seja contra a missão de desenvolvimento do BID. Desejo assinalar que no caso mencionado havia outros três... os EUA não estavam sozinhos nessa votação. E também, ao contrário do que disse a imprensa, os EUA não tiveram que sair e organizar um grupo de países porque, se verificarem bem suas fontes, poderão ver que na França, Alemanha e em todos os outros países credores importantes, havia uma enorme inquietude a respeito do que estava acontecendo no Brasil. Uma situação na qual há alguns meses não havia absolutamente nenhum progresso na negociação com os bancos, nenhuma perspectiva de que se enfrentaria o problema dos atrasos, nenhuma possibilidade de que pagassem juros e, a menos que isso se colocasse, qualquer perspectiva teria como vítima as instituições financeiras interna-

cionais. Então, que oportunidade melhor para utilizar esse tipo de mecanismo (adiamento da votação), quando o interesse primordial é proteger a saúde e a viabilidade das instituições financeiras internacionais? Não se trata apenas do BID, mas também do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Todas essas instituições nos preocupam se um país, que representa a exposição máxima para todas elas, está completamente desviado do seu caminho, como era o caso do Brasil há alguns meses, essa era a nossa inquietação primordial. Desde então o Brasil tem feito muitos progressos e nós, ao tomar aquela posição, não queríamos dar uma mensagem política ao Brasil, porque já havíamos dito ao Brasil que apoiamos seus esforços e queremos que faça progressos”.

Sobre o uso do BID para apoiar os bancos comerciais: “Também não fizemos o que a imprensa está dizendo, que estamos apontando os bancos comerciais. Não estamos apoiando os bancos, estávamos apoiando a necessidade de progresso (nas negociações), e há duas semanas, reitero, não havia nenhuma concessão com os bancos e apesar disso tomamos a liderança para que se aprovasse o empréstimo de ciência e tecnologia. Acreditamos que foi um enfoque equilibrado e queremos que seja visto dessa forma”.

Sobre a diferença entre o Brasil e a Argentina: “Ainda que a Argentina também esteja com juros atrasados, tem um programa para enfrentá-los, está progredindo nesse programa, e seu objetivo é reduzir a dívida até o ponto em que possam ter uma dívida manejável com os bancos. Além disso, estão pagando uma porção dos juros atrasados. A situação é inteiramente diferente, porque o Brasil não está pagando. Há US\$ 9 bilhões em juros atrasados (do Brasil), e creio que há US\$ 9 bilhões a US\$ 10 bilhões em reservas que não estão sendo utilizados para pagar. É uma diferença muito grande”.